

**ENSINO DE LITERATURA:** uma experiência vivenciada no projeto de extensão *Leituras do Maranhão*

**LITERATURE TEACHING:** an experience lived in *Leituras do Maranhão* extension project

Marcela Pedrosa da Silva<sup>1</sup>  
Natércia Moraes Garrido<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem por objetivo contribuir para o ensino de literatura no Ensino Médio por meio de uma experiência vivenciada no projeto de extensão *Leituras do Maranhão*, projeto este aprovado e financiado pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. O trabalho foi desenvolvido no período de um ano, de 2013 a 2014, em uma escola estadual do município de Timon/MA, cujo objetivo era utilizar textos de autores maranhenses para valorizar a cultura literária do Maranhão. Tomando como base teorias do ensino de literatura de autores como Cosson (2012), Cereja (2005) e Leahy-Dios (2004), pretendemos mostrar o uso do texto literário como centro das atividades didáticas para aliar o conhecimento cultural ao desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

**Palavras-chave:** Ensino de Literatura. Literatura Maranhense. Pensamento Crítico.

**ABSTRACT:** This paper aims to contribute for high school literature teaching through an experience lived in **Leituras do Maranhão** extension project, approved and financed by Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. The project was developed during the period of a year, from 2013 to 2014, in a Timon/MA state high school, which aimed to use maranhenses authors' texts in order to value Maranhão's literary culture. We took as basis literature teaching theories proposed by scholars such as Cosson (2012), Cereja (2005) and Leahy-Dios (2004) and we intend to show how literary text performs as center of didactic activities to match cultural knowledge with development of students' critical thinking.

**Keywords:** Literature teaching. Maranhense literature. Critical thinking.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a leitura feita de forma crítica é necessária tanto na escola como em outros ambientes; é dela que podemos conhecer e compreender o mundo em que vivemos. A leitura literária educa social e culturalmente nossos alunos e, sendo assim, o presente estudo foi elaborado no intuito de promover aulas diferenciadas para o ensino de literatura no Ensino

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras-Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Timon;

<sup>2</sup> Professora efetiva do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Timon.

Médio no município de Timon/MA, pois percebemos que o ensino de literatura tende a priorizar as teorias históricas e biográficas, as quais se direcionam apenas para um conhecimento memorizável e quantitativo; em outras palavras, este ensino tradicional despreza o saber crítico dos alunos por não permitir que eles exponham suas reflexões acerca do texto lido.

Para mudar esse cenário, é necessário que os alunos tenham contato com os textos literários e, como a literatura de nosso estado, Maranhão, é pouco ou não é trabalhada na sala de aula por não ser tão exigida nas provas de vestibulares, por não estar no livro didático que a escola adota e, também, por nosso município, Timon, estar localizado ao lado de Teresina, a capital do estado do Piauí, os alunos tendem a conhecer muito mais a literatura piauiense que a maranhense. A partir desta realidade constatada, quisemos despertar o gosto pela nossa literatura com a leitura de textos de autores maranhenses, como Maria Firmina dos Reis, Artur Azevedo, Ferreira Gullar, dentre outros, a fim de aliar conhecimento cultural ao desenvolvimento do pensamento crítico.

É visível a dificuldade que alguns professores sentem ao trabalhar a literatura na sala de aula, por isso priorizam tanto as questões históricas e biográficas; mas trabalhar o texto literário com os alunos envolvendo-os de forma prazerosa e dinâmica torna a aula muito mais proveitosa e satisfatória para todos. Este é um trabalho que vem sendo bastante abordado por alguns autores que, por meio de suas pesquisas, apresentam sugestões metodológicas voltadas para explorar do aluno o saber crítico, deixando de lado a tradicionalmente explorada historicidade literária.

Para viabilizar esse estudo, optamos por utilizar os dados obtidos por meio da participação no projeto de extensão contemplado com bolsa pela Universidade Estadual do Maranhão, o PIBEX. Este projeto teve duração de 1 ano, correspondendo a 2013-2014 e foi intitulado **Leituras do Maranhão**. Assim, este estudo propõe estratégias metodológicas para o ensino de literatura, tornando o texto literário o elemento principal da aula e o centro de todas as atividades didáticas.

Para a abordagem de nosso estudo, optamos por dividir este trabalho em 3 partes: na primeira parte, teorizamos como funciona a metodologia do ensino de literatura, percorrendo sobre a importância da literatura para a formação do sujeito crítico até chegar aos textos de literatura maranhense; na segunda parte, falamos sobre o projeto em si e qual sua

relevância para aliar teoria e prática no tocante ao ensino crítico de literatura em sala de aula; concluindo, na terceira parte, fazemos nossas considerações finais.

## **O ENSINO DE LITERATURA E O DESENVOLVIMENTO DO OLHAR CRÍTICO DO ALUNO**

O ensino da Língua Portuguesa apresenta alguns objetivos que se quer atingir ao longo do desenvolvimento do aluno, especialmente no que se refere à formação do leitor crítico e questionador do texto e seus discursos. Para isso, é necessário que a escola torne a leitura o centro de formação dos alunos, incluindo principalmente o gênero literário, pois a leitura desses textos estabelecerá uma troca de valores, crenças e gostos e o aluno poderá ter contato com o contexto sociocultural através da literatura. Mas o que é literatura? Como está sendo feito o ensino de literatura no Ensino Médio no Brasil? Que contribuição este ensino traz ao indivíduo no seu processo formativo?

De acordo com o Dicionário Aurélio (2010), Literatura significa [Lat. *Litteratura*] s.f 1. Arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso. 2. Conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época. Pode-se dizer que é uma forma de expressão por meio das palavras, um instrumento de comunicação, que transmite conhecimento, cultura e relata fatos acontecidos na história.

Gostaríamos de destacar que vários teóricos estabelecem conceitos acerca da literatura, baseados em suas experiências, conhecimento do mundo, da palavra, da vida, porém o mais comum é definir a literatura como uma expressão artística que trabalha fundamentalmente com a palavra. Assim Coutinho (2008, p. 115) considera que “a literatura é uma arte, a arte da palavra [...], origina-se na imaginação criadora, cujo objetivo é despertar um estado emocional, o prazer artístico”.

Conforme Eagleton (2003, p. 2) “a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana”. Então, sua linguagem é uma forma particular de expressão, diferente daquela que geralmente usamos em nosso cotidiano; assim, a literatura é vista como uma organização particular da linguagem.

Para Cosson (2012, p. 17), “a literatura tem poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado

e o futuro da palavra”. Na leitura literária, podemos transformar o conhecimento, satisfazer a necessidade de ficção, buscar o prazer e conhecer o mundo por meio da palavra.

Em sua tese de doutorado, *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*, Leahy-Dios (2004) investiga o ensino da literatura no ensino médio em escolas brasileiras e em escolas inglesas. Nessa investigação, a autora mostra que, no Brasil, a educação dá ênfase ao conhecimento quantitativo, em que a atenção e o interesse dos alunos estão voltados para a aquisição de um saber acrítico e memorizável e, no ensino de literatura, há um predomínio de teorias histórico-biográficas sobre questões literário-pedagógicas. Em contrapartida, o sistema de ensino inglês vê a literatura como um processo de representação social, cultural e política de valores através da palavra, em que os alunos devem se comportar como críticos e criativos, desenvolvendo suas próprias vozes e usando a escrita para lhes ajudar a descobrir o próprio pensamento a respeito do texto em discussão.

No Ensino Médio, o ensino de literatura no Brasil está voltado essencialmente para a memorização e para a classificação, como afirma Cereja (2005, p. 56):

A abordagem historicista da literatura, que muitas vezes apresenta pouco de história, sustenta-se numa apresentação panorâmica dos movimentos literários ou estilos de época e dos principais autores e obras, ancorados numa linha do tempo. Os autores são inçados pela tradição canônica; os textos escolhidos são os igualmente apontados como representativos do escritor, do movimento literário ou da geração a que ele está cronologicamente ligado.

Nesse sentido, Cosson (2012, p. 21) destaca que:

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários, quando aparecem, são fragmentados e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeadas.

O ensino transmitido dessa forma não contribui para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, pois não dão maior importância a conteúdos significativos, que relacionam o estudo da literatura com outras áreas do conhecimento, com situações do mundo contemporâneo. Essas sequências didáticas aplicadas de forma tradicional desencadearão desinteresse e falta de motivação pelas aulas de literatura, pelos textos que, muitas vezes, são

usados como pretextos, quando devem ser o objeto central das aulas, articulados com as outras atividades didáticas e produções discursivas, uma vez que, como enfatiza Cosson (2012, p. 26), os textos não falam por si mesmos, “o que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola”. Em suma, esses textos são lidos somente para comprovar tais características, havendo um desprezo pelo real sentido que as palavras podem transmitir por meio do texto lido, pela quantidade de informações que ele contém.

Leahy-Dios (2004) considera que a definição de texto literário requer um exame minucioso, pois os textos estão ligados a circunstâncias e a sua escolha exige atenção e visão crítica; mas o ensino de literatura nas escolas brasileiras ainda está atrelado ao modelo centenário, dando ênfase a métodos e medidas quantitativas de aquisição cognitiva, ou seja, a memorização, características das escolas literárias, autores e obras.

Cereja (2005) aponta que a prática de ensino de literatura mais comum hoje, na 1ª série do ensino médio, se volta para a construção de alguns conceitos básicos relativos à teoria literária, teoria da comunicação e linguística, consideradas ferramentas indispensáveis para lidar com o texto literário. Nos dois anos seguintes, depois de construídos esses conceitos, considera-se que o aluno estaria preparado para lidar com o texto literário de modo sistematizado e de acordo com a perspectiva histórica.

Os livros didáticos de Língua Portuguesa reúnem num único volume os conteúdos de literatura, gramática e produção textual. Cereja (2005, p. 59) cita que já “vem prontos vários dos componentes necessários para o planejamento escolar, seleção de conteúdos, proposta metodológica, seleção de textos, exercícios, sugestões e orientações metodológicas e, às vezes, até formas de avaliação.” Em outras palavras, podemos dizer que o professor não precisa se preocupar em preparar sua aula: o livro, por trazer o conteúdo pronto, influencia a prática metodológica fazendo com que o professor não busque uma forma atrativa e prazerosa de passar o conteúdo para os alunos, utilizando apenas o livro didático como suporte para as aulas e isso faz com que percam o interesse pelas aulas de literatura.

A respeito da construção de uma educação literária relevante, Leahy-Dios (2004, p. 7) destaca que “envolve a definição de objetivos, métodos e formas de avaliação coerentes com o processo de construção do conhecimento, utilizando a leitura, análise e interpretação do texto literário como meio de educar cidadãos”. Apenas assim, a educação por meio da

literatura, pode oferecer conhecimento e ter papel importante no desenvolvimento do senso crítico do aluno. Por lidar com o sensorial, o emocional e o racional, o ensino da literatura atua na comunicação das ideias, sentimentos, emoções e raciocínio. Além do mais, associa-se aos estudos culturais e históricos que explicam as manifestações ocorridas ao longo dos tempos.

Para Cosson (2012), o ensino de literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo que, no ensino fundamental, tem função de sustentar a formação do leitor e, no ensino médio, integrar o leitor à cultura literária brasileira, sendo que a função essencial do ensino de literatura é construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Convém salientar que a leitura é essencial na construção do saber crítico do aluno; é com o domínio desta capacidade que o aluno poderá conhecer o mundo que o rodeia:

[...] Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. [...] O bom leitor é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo (COSSON, 2012, p. 27).

Podemos dizer, portanto, que, para expandir o senso crítico da consciência social, política e cultural dos alunos, é necessário que seja incentivada a leitura literária, pois com ela os leitores ampliarão seus horizontes emocionais e intelectuais conquistando novas dimensões do saber e dessa forma constituir-se de fato em cidadão.

## UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO ENSINO DE LITERATURA

A literatura como disciplina educativa tem uma longa história, que antecede a educação formal. Desde o período colonial que os estudos literários, introduzidos pelos jesuítas, fazem parte do modelo humanista de educação com interesse nos valores humanos, em educar moral e socialmente o povo.

No ensino de Português, Cereja (2005) assevera que o marco inicial da presença da literatura acontece por volta de 1860, nos programas de ensino do Colégio Pedro II, nos quais havia conteúdos relacionados com a tradição do ensino de retórica e poética e também

com estudo de autores da literatura brasileira e portuguesa; com essa seleção de conteúdos, notamos que há uma preocupação em historiar o ensino de literatura. Assim, percebemos que o ensino do Colégio Pedro II apresenta semelhanças com o ensino que vem sendo praticado desde a década de 1970.

Foi a Lei 5.692/71 da LDB – *Lei de diretrizes e bases educacionais* – que reformulou o ensino médio ao dividir a disciplina de Língua Portuguesa em “Língua e Literatura (com ênfase na literatura brasileira)”. Essa divisão influenciou a organização curricular e os livros didáticos, separando gramática, estudos literários e produção textual, tendo em algumas escolas professores especialistas para cada área, como se não houvesse relação entre elas; ou seja, não há sentido em separar o ensino da literatura do ensino de língua portuguesa porque um está contido no outro. No que se refere à literatura, a Lei ainda determinava seu papel ao dizer:

Ao lado de sua função instrumental, o ensino da Língua Portuguesa há de revestir, como antes se assinalou, um indispensável sentido de “expressão da Cultura Brasileira”. As situações criadas e os textos escolhidos para leitura, em articulação com as outras matérias, devem conduzir a uma compreensão e apreciação da nossa história, da nossa Literatura, da Civilização que vimos construindo e dos nossos valores mais típicos. Isto, evidentemente, não há de conduzir a exclusivismos estreitos. Assim como a nossa História é parte da História Universal, a Literatura Brasileira não poderá ser estudada sem abstração de suas raízes portuguesas e sem inserir-se no complexo cultural europeu de que se origina (MEC *apud* CEREJA, 2005, p. 110).

Nesse trecho, podemos ver que o foco do ensino de literatura, desde seus primórdios, vem dando continuidade à tradição historicista, priorizando a nossa história, cultura, valores e nossas raízes portuguesas, tradição esta que continua na Lei 9.394/96, art. 26-A §1º, ao dizer que “os conteúdos referentes à História ou Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras” (CARNEIRO, 2008, p. 98).

O art. 35, da Lei 9.394/96, considera o ensino médio etapa final da educação básica, em que o Inciso III, ressalta “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (CARNEIRO, 2008, p. 116). Aqui, podemos observar que a escola deverá ter como meta o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico,

não importando quais os rumos que o educando terá em sua vida profissional, e é o ensino da literatura que visa o cumprimento desse Inciso, por meio da leitura literária.

O Artigo seguinte da referida Lei se refere ao ensino de Português no ensino médio nas seguintes ocasiões:

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

I. destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

[...]

§ 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

[...]

II. conhecimento das formas contemporâneas de linguagem. (CARNEIRO, 2008, p. 118).

Nesse Artigo, vemos uma referência vaga e indireta ao ensino de literatura ao se mencionar as “letras”, o “processo histórico de transformação da sociedade e da cultura” e o “acesso ao conhecimento e exercício da cidadania”, noções estas adquiridas pelo estudo, leitura e experiência com a literatura e seus textos.

O ensino de literatura é ligado ao ensino de Língua Portuguesa, nos *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio* – (PCNEM) situa-se na área de “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. O documento foi elaborado no intuito de subsidiar, orientar o professor a buscar novas abordagens, a revisar seus métodos de ensino e o currículo escolar. Mas será que da forma que foi elaborado conseguiu atingir tais objetivos? Quanto à literatura, deixou claro como substituir antigas práticas por outras de acordo com as novas propostas de ensino?

No documento, as referências feitas à literatura, na parte específica de “Conhecimentos de Língua Portuguesa”, são as seguintes:

Os estudos literários seguem o mesmo caminho. A história da literatura costuma ser o foco da compreensão do texto; uma história que nem sempre corresponde ao texto que lhe serve de exemplo. O conceito literário é indiscutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não. Por quê? As explicações não fazem sentido para o aluno (MEC, 2000, p. 16).

Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática

passa a ser uma estratégia para compreensão/ interpretação/ produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura (MEC, 2000, p. 18).

Os estudos literários seguem o mesmo caminho do ensino das normas gramaticais; com a história da literatura, podemos observar que há críticas ao ensino da literatura, mas em nenhum momento deixam claro como substituir essas práticas. Além disso, consideram a história da literatura um “conteúdo tradicional”, situada em segundo plano, ao passo que a literatura deve ficar integrada à leitura, dando maior espaço à formação de leitores de literatura; porém o documento não esclarece que critérios de seleção e organização os professores devem usar para promover essas leituras.

Nas *Orientações Curriculares para Ensino Médio*, o enfoque do ensino de literatura parece ser a inserção da história da literatura, como mostra, a seguir, nesses dois trechos do documento:

Os produtos culturais das diversas áreas (literatura, artes plásticas, música, dança etc.) mantêm intensa relação com seu tempo. O aluno deve saber, portanto, identificar obras com determinados períodos, percebendo-as como típicas de seu tempo ou antecipatórias de novas tendências (MEC, 2002, p. 65).

A língua, bem cultural e patrimônio coletivo, reflete a visão de mundo de seus falantes e possibilita que as trocas sociais sejam significadas e ressignificadas. No domínio desse conceito está, por exemplo, o estudo da história da literatura, a compreensão do dinamismo da língua, a questão do respeito às diferenças lingüísticas, entre outros (MEC, 2002, p. 66).

Também podemos observar no terceiro critério da seleção de conteúdos que, no ensino médio, a formação de leitores é mais significativa que a nomenclatura dos conteúdos tradicionais e, nessa perspectiva, vemos uma associação com as práticas atuais do ensino de literatura, na qual “o ensino médio dê especial atenção à formação de leitores, inclusive das obras clássicas de nossa literatura, do que mantenha a tradição de abordar minuciosamente todas as escolas literárias, com seus respectivos autores e estilos” (MEC, 2002, p. 71).

## A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LITERATURA À LUZ DOS TEXTOS LITERÁRIOS MARANHENSES

No ensino de literatura, vemos que os autores e as obras mais comentadas são as que fazem parte do cânone literário nacional, as que geralmente são encontradas nos livros

didáticos ou exigidas nos vestibulares. Dessa forma, esquecemos de trabalhar e valorizar o que temos em nosso próprio âmbito regional. Muitos docentes prendem-se ao livro didático e aos exemplos que este recurso traz em determinado estilo literário. Questionamos então, por que além de trabalhar as grandes obras nacionais, não trazemos para sala de aula o que temos de nosso, a literatura maranhense? Qual sua importância dentro da literatura nacional e regional? Que contribuições seu ensino trará aos discentes do município de Timon/MA?

Nossa posição geográfica não favorece muito o trabalho com a literatura maranhense, mas essa não pode ser a justificativa para deixar de lado a grande cultura literária que o Estado possui. O município de Timon/MA fica localizado ao leste do Estado do Maranhão, às margens do rio Parnaíba, do lado da capital piauiense, Teresina. Há uma distância relevante em relação a nossa capital São Luis, por isso há uma tendência para que os alunos passem a conhecer mais a cultura literária do estado vizinho: pela proximidade, eles têm maior possibilidade de participar dos eventos que lá existem.

Anteriormente ao advento do Romantismo no Brasil, como relata Durans (2009), não havia no Maranhão uma literatura propriamente dita, mas sim uma literatura sobre o Maranhão, uma literatura descritiva de seus aspectos naturais, sociais e econômicos, produzida pelos colonizadores que aqui passaram, no intuito de descrever a terra conquistada. Dentre algumas denominações acerca desse período, destacam-se “literatura de viajantes” ou “relatos de viajantes”. Essa literatura era caracterizada pela exaltação da nova terra colonizada, suas belezas e riquezas naturais, por isso esses relatos eram muito mais históricos que literários.

Observamos nomes de escritores maranhenses em todos os movimentos literários brasileiros, mas é necessário lembrar que a literatura maranhense não se limita somente aos autores reconhecidos pela crítica nacional, ou seja, aqueles que estiveram em evidência nas correntes literárias do Brasil; há muitos outros que merecem destaque e que não participaram do cenário cultural da época. No entanto, pontuamos que a minoria dos autores maranhenses que conseguiram ocupar uma posição de destaque no cenário nacional, só o fizeram por sair de sua terra natal rumo à capital do Império/República, por ser um centro cultural e intelectual.

A literatura maranhense apresenta-se em três grandes gerações ou ciclos literários. O primeiro deles corresponde ao período de 1832 a 1868 com o chamado “Grupo

Maranhense”; didaticamente, elege-se a publicação do *Hino à tarde (1832)*, de Odorico Mendes, como precursor deste ciclo. Seguindo a estética romântica, juntam-se a Mendes Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Sotero dos Reis, Gomes de Sousa, Trajano Galvão, Cândido Mendes de Almeida, Pedro Nunes Leal, Belarmino de Matos, Joaquim Serra, Dias Carneiro e muitos outros. Esse ciclo é considerado o mais importante e foi responsável pela atribuição do título de “*Atenas Brasileira*” à capital São Luís, pois, segundo Moraes (1977, p.86) esses homens intelectuais atuaram “nos diversos setores da vida maranhense, desempenhando relevante ação nas casas legislativas, no jornalismo político, em postos de administração pública e em atividades empresariais ligadas à agricultura, à indústria e ao comércio”.

Apesar de ter sido “descoberta” apenas na década de 1970, século XX, poderíamos inserir neste ciclo Maria Firmina dos Reis (1825-1917). Por ter uma escrita contemporânea aos nomes consagrados do “Grupo Maranhense”, a autora do romance “*Úrsula*” (1859) a fez ser considerada, por muitos críticos, a primeira romancista brasileira. Este romance, escrito por uma afro-brasileira, aborda a escravidão sob uma perspectiva interna, mostrando a condição do negro no Brasil e dando voz a ele.

O segundo ciclo literário maranhense é conhecido como “O grupo dos emigrados” (1868-1894), que é basicamente formado pelos intelectuais que saíram do Maranhão rumo à capital do Brasil, Rio de Janeiro e outras cidades, como São Paulo. A emigração desses escritores se deu por diversos motivos: alguns acreditavam que o Maranhão não investia em cultura, sendo assim, não oferecia estrutura aos escritores para produzir e divulgar suas obras. Outros julgavam que o Rio de Janeiro era um percurso natural, pois lá estava o centro cultural e intelectual, ou seja, por lá passaram ou estavam os grandes escritores. E ainda havia aqueles que diziam que a vida intelectual maranhense havia empobrecido, por isso procurar exercitar suas formas de expressão em outros centros era o melhor caminho.

Moraes (1977, p.157) diz que “se fizermos um levantamento acerca das mais significativas figuras desse ciclo, veremos que afora Celso Magalhães, morto na flor da idade, as demais, cedo deixaram São Luís, indo fazer vida literária nos grandes centros.” O caso da publicação do romance *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, ilustra um pouco esse êxodo intelectual: por fazer críticas ao preconceito da sociedade maranhense, a obra do autor foi mal interpretada, ocasionando sua emigração para o Rio de Janeiro. Anteriormente seu irmão,

Arthur Azevedo, já havia saído do Maranhão pelo mesmo motivo: críticas ao seu livro *Carapuças* (1871) e ao seu jornal *O Domingo* (1872).

Junto aos irmãos Azevedo, fazem parte deste segundo ciclo maranhense: Teófilo Dias, Raimundo Correia, Hugo Leal, Adelino Fontoura, Euclides Faria, Teixeira de Sousa, Teixeira Mendes, Celso Magalhães, Coelho Neto e Graça Aranha. Segundo Moraes (1977, p.158), “este é um período em que brilha, não propriamente a literatura maranhense, mas uma literatura de maranhenses não necessariamente vinculados a sua terra natal.”

O terceiro e último ciclo literário do Maranhão é aquele denominado de “Os Novos Atenienses”, correspondendo ao período de 1894 a 1932. Inácio Xavier de Carvalho, com a publicação do livro de poemas *Frutos Selvagens* (1894), é considerado o fundador dessa nova geração, a neo-ateniense, formada por escritores que nasceram e viveram no Maranhão. O que une a geração destes autores que escreveram e publicaram durante os primeiros trinta anos do século XX é a vontade de estabelecer uma ação regeneradora diante de uma decadência literária visível em terras maranhenses (MORAES, 1977, p.203). A visita, a São Luís, do já famoso Coelho Neto, em 8 de junho de 1899, contribui para motivar tanto novos quanto antigos escritores:

Antonio Lobo, então dirigindo a Biblioteca Pública, presidia a comissão que fora organizada para coordenar a calorosa recepção, de cujo programa constava um banquete. A ele, entre os jovens, se fez presente o velho poeta Sousândrade, que levantou, pelo Maranhão, o brinde de honra ao ilustre visitante. (MORAES, 1977, p.203)

Dentre os autores que pertencem a esse ciclo estão: Antônio Lobo – principal fundador da Academia Maranhense de Letras, a qual chamamos em sua homenagem de Casa de Antônio Lobo -, Manuel de Bethencourt, Ribeiro do Amaral, Maranhão Sobrinho, Domingos Barbosa, Viriato Corrêa, Correia de Araújo, Humberto de Campos, Aluizio Porto, Inácio Xavier de Carvalho, Costa Gomes, Astolfo Marques, Barbosa de Godois, Justo Jansen, Aquiles Lisboa, Godofredo Viana, Antonio Lopes, Raimundo Lopes, Alfredo de Assis, Luso Torres, Agostinho Reis, Francisco Lisboa Filho, dentre muitos outros.

Ao desenvolvermos o projeto de extensão *Leituras do Maranhão*, percebemos como seria uma experiência rica levar a literatura maranhense ao conhecimento dos alunos do município de Timon/MA, aliando a isso não apenas a formação crítica do aluno através da leitura, mas valorizando os textos de nossos autores.

## **ENSINO DE LITERATURA: UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO LEITURAS DO MARANHÃO**

Participar do projeto de extensão *Leituras do Maranhão: uma análise do ensino de literatura no município de Timon/MA* foi de suma importância, pois viabilizou um conhecimento mais aprofundado sobre o ensino de literatura em nosso país e a observação da realidade local. Tivemos a oportunidade de conhecer propostas de ensino de alguns teóricos e, principalmente, de conhecer melhor a literatura maranhense, com autores e textos consagrados nacionalmente e de outros que não tiveram o reconhecimento merecido, mas que mostram em suas escritas informações riquíssimas sobre a cultura e a sociedade do nosso Estado.

O projeto de extensão em si tem como objetivo ampliar a relação entre a universidade e a sociedade/comunidade, desenvolvendo processos educativos e culturais articulados com o ensino e a pesquisa, voltados para solucionar problemas locais, regionais e/ou nacionais. O projeto teve início em setembro de 2013 e, para melhor conhecer a proposta, foram realizadas em um primeiro momento leituras e discussões em grupo a partir de textos de teóricos selecionados, antes de iniciarmos as visitas na escola de ensino médio selecionada. A escola nos recepcionou muito bem, oferecendo tempo e espaço necessários para a realização do projeto.

O próximo passo foi observar como aconteciam as aulas de Literatura na escola; optamos por nos ater ao 1º ano do Ensino Médio do turno Matutino por entender que este é o primeiro contato formal que os alunos têm com a disciplina Literatura. Dessa forma, vimos que a metodologia aplicada pelas professoras já contribuía para uma formação de um pensamento crítico dos alunos, sem privilegiar apenas a memorização e a historiografia. As próprias professoras entendiam a importância da exploração de textos literários em sala. Sobre essa postura do professor, Leahy-Dios (2004, p. 11) diz que

Conscientizar futuros professores de literatura de seu compromisso com a produção de um conhecimento que possa contribuir para uma sociedade menos desigual significa trabalhar para que esses mesmos professores sejam politicamente conscientes em sua prática, com a percepção clara de que educar é uma instituição política.

A abordagem da autora mostra que devemos ter consciência de nossa prática metodológica como professores de literatura, pois a educação não deve acontecer de forma mecanizada, centradas no pragmatismo tecnicista com receitas e regras didáticas prontas e acabadas, mas deve ir além dessas concepções, sendo que educar é construir um saber relevante, formando cidadãos críticos.

A etapa seguinte do projeto foi preparar um pequeno questionário para as professoras, elaborado no intuito de investigar algumas questões relacionadas com o ensino de literatura. As respostas em geral coincidiram com as aulas observadas anteriormente e, algo que ambas admitiram como uma grande dificuldade no ensino da disciplina, foi o desinteresse dos alunos pela leitura dos textos literários. Elas revelaram ter consciência de que a leitura literária é que proporcionará ao aluno o conhecimento para a construção de um saber relevante na sociedade, além de ampliar seus horizontes intelectuais adquirindo, assim, compreensão por meio das obras literárias. Em outras palavras: se não houver leitura não há formação de sujeitos críticos.

Na perspectiva de levar aos alunos um ensino de literatura diferenciado, voltado para ampliar o poder de argumentação crítica por meio da leitura de textos de autores maranhenses, valorizando assim a cultura maranhense, iniciamos a terceira etapa do projeto de extensão: uma pesquisa para selecionar os textos literários maranhenses propriamente ditos para, em seguida, planejarmos as aulas seguindo os pressupostos de Rildo Cosson (2012) que, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, propõe ressignificar as aulas de literatura no ensino médio sugerindo uma sequência didática.

O texto selecionado, após pesquisas e discussões em grupo, foi o conto *A escrava* (1887) de Maria Firmina dos Reis. Por várias razões, selecionamos esse texto: queríamos destacar a importância da escrita feminina no cenário literário maranhense; enfatizar a presença do negro na sociedade através da mulher, pois a autora é negra e debater ao final da leitura o tema da discriminação racial, ainda tão presente em nossa sociedade.

As aulas relacionadas ao conto foram divididas em quatro partes: motivação - seguida de uma pequena introdução; leitura do conto; interpretação/contextualização e expansão. Na primeira parte - a motivação - Cosson (2012, p. 77) defende que “consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido”. Por isso, preparamos uma aula sobre a cultura maranhense com o objetivo de incentivar a reflexão

sobre a riqueza cultural que temos em nosso estado e principalmente a literária, para que os alunos a valorizassem como patrimônio nacional. Nessa aula, observamos que os alunos demonstraram interesse e atenção, procurando obter informações além das que passamos durante aula, pois eles estavam receptivos e dispostos a participar, conhecer e aprender o que estávamos abordando. Ao final da aula, fizemos uma breve introdução com a apresentação do autor e obra, destacando sua importância na literatura brasileira. A esse respeito, Cosson (2012) afirma ser a atividade mais adequada, sendo que deve ser apresentada de uma forma que os alunos se interessem por ela.

A leitura do conto *A escrava* aconteceu na segunda etapa. O título do conto faz referência a uma escrava idosa, maltratada, explorada pelo seu dono e considerada louca, loucura essa que teve origem após a venda de seus dois filhos gêmeos quando ainda tinham 8 anos de idade. É um conto escrito no auge da campanha abolicionista e publicado em *A Revista Maranhense* nº 3, 1887. Como o texto escolhido foi um conto, optamos por uma leitura desenvolvida em classe, fazendo uma leitura participativa/explicativa, esclarecendo o vocabulário sempre que necessário, deixando abertura para questionamentos; tudo isso foi feito com o objetivo de despertar o interesse pelo texto, desenvolver a sensibilidade, imaginação, criatividade e senso crítico dos alunos. Com isso, houve uma primeira interpretação do texto que, conforme Cosson (2012, p. 83), “destina-se a uma apreensão global da obra. O objetivo é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor”.

Na terceira aula, fizemos uma interpretação contextualizada com uma breve retomada do enredo na qual os alunos contribuíram muito bem, focando nos principais momentos da narrativa. Em seguida, foram lançados questionamentos acerca do conto, pois o objetivo da aula era discutir sobre as temáticas abordadas no texto, refletir sobre a condição do negro/escravo no Brasil e instigar o pensamento crítico dos alunos. Dentre os questionamentos, estavam: *A senhora que tenta convencer as “pessoas distintas”, de discurso abolicionista, é branca? O que nos faz pensar isso? Qual a intenção da narradora, ao dar voz aos personagens escravos? Os escravos se comportam sempre como vítimas? Como você pode comprovar isso? Como você pode caracterizar a voz de Joana, dada pela narradora? Como uma pessoa pode comprar a liberdade de um escravo que não era seu? Ainda existe escravidão nos dias atuais? O negro, ainda sofre preconceito da sociedade?*

Após essa breve consideração acerca da contextualização temática, é importante mencionar que, para Cosson (2012, p. 86):

[...] a relação entre texto e contexto deve ser analisada como a passagem de um limiar, um espaço que pode ser estendido até o ponto em que a vibração ou o efeito deixa de ser percebido. É assim que certos contextos parecem mais evidentes para certos leitores do que para outros. É assim que determinados aspectos da obra podem ser explorados em sala de aula.

Seguindo as reflexões de Cosson (2012) em sua sequência didática, procuramos fazer algumas contextualizações sobre o conto para que houvesse uma compreensão aprofundada de sua leitura por meio dos contextos encontrados no texto. Fizemos uma contextualização teórica que “procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou estão encenadas na obra” e isso ficou claramente exposto aos alunos ao longo da leitura participativa.

Ao fazermos a contextualização histórica que “abre a obra para a época que ela encena ou o período de sua publicação” (Cosson, 2012, p.86), destacamos o momento histórico/social em que a obra foi escrita – a sociedade brasileira e maranhense se encontrava em plena campanha abolicionista. A contextualização estilística, que corresponde ao saber literário tradicional, está centrada nos estilos de época ou períodos literários, mas como o próprio Cosson (2012) menciona, não podemos nos prender somente a essa interpretação; deixamos claro aos alunos que a obra pertence ao Romantismo, mais especificamente à terceira geração romântica, assunto este que os alunos já estavam estudando com a professora da turma.

Já na contextualização poética, foram analisadas a linguagem e o estilo empregados por Maria Firmina dos Reis; significa entender como a obra está estruturada e como funciona sua organização. Destacamos aqui a forma como a autora deu voz aos personagens negros e como organizou a narrativa, contando uma história dentro da outra.

Para uma interpretação mais aprofundada, na quarta e última aula, buscamos explorar uma correspondência com questões contemporâneas, ligadas ao tema na intenção de explorar ao máximo o pensamento crítico do aluno. Dessa forma, trabalhamos a expansão que “busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a

precederam ou lhes são contemporâneos ou posteriores”. (Cosson, 2012, p. 94). Assim, trabalhamos temáticas relacionadas ao racismo, preconceito, escravidão e diversidade racial, buscando analisar a situação do negro após a abolição da escravatura e nos dias atuais, a fim de levar o conhecimento aos alunos de que houve e há muitas lideranças negras na literatura no Brasil e no mundo, para influenciar uma reflexão e valorização sobre a diversidade racial e cultural.

Em resumo, podemos dizer que o resultado do projeto foi excelente, conseguimos ir além dos objetivos propostos, pois os alunos receberam com empenho e dedicação as aulas ministradas e conseguimos priorizar a literatura maranhense. Aliar a teoria de Cosson (2012) à prática da sala de aula, que visa formar alunos críticos, tornou a experiência, neste projeto de extensão, enriquecedora do ponto de vista da formação didático-profissional de um discente do curso de Letras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, pudemos constatar, com a contribuição de alguns teóricos, que a literatura não é somente uma arte em que o texto serve exclusivamente para ser apreciado e confrontado com características de alguma estética literária. Constatamos que seu ensino deve ter maior relevância para os alunos, deve caminhar como uma instituição reveladora de cultura e valores ligados à função social que o texto possui; seu ensino pode e deve proporcionar a formação de indivíduos mais atuantes e críticos, construindo, assim, cidadãos.

Contudo, vimos que no Brasil o ensino de literatura tem dado ênfase a teorias históricas e biográficas, a características de escolas literárias, priorizando a memorização de autores e obras e que, geralmente, seu ensino segue vinculado basicamente ao livro didático, com aulas essencialmente informativas, provocando nos alunos um desinteresse pela leitura literária. Então, para inovar essa prática de ensino limitada e repetitiva, devemos tornar o texto literário o principal elemento da aula, pois é a leitura desses textos que irá possibilitar ao aluno o conhecimento cultural e social, além de colaborar para a formação de seu senso crítico.

Proporcionar aos alunos um melhor conhecimento da riqueza cultural que temos no Estado do Maranhão foi relevante, visto que aproveitamos o interesse e a vontade que os

alunos demonstraram em conhecer e aprender sobre a cultura maranhense. O trabalho com o texto de Maria Firmina dos Reis, o conto *A escrava*, proporcionou excelentes resultados no que diz respeito aos objetivos propostos neste trabalho, pois conseguimos aliar conhecimento cultural ao desenvolvimento do pensamento crítico, abordando questionamentos que induziram a reflexões e discussões na sala de aula e, principalmente, despertou o interesse pela leitura do texto, algo difícil, visto que as professoras haviam confirmado no questionário aplicado, meses antes, ser o desinteresse pela leitura a maior dificuldade enfrentada por elas. Ao término do projeto, entretanto, conseguimos uma aproximação satisfatória entre o texto literário e o aluno.

Dificuldades na prática docente sempre iremos encontrar e, com o ensino de literatura não é diferente, mas se procurarmos conhecer e adotar experiências de outros colegas e/ou estudiosos da área que tenham obtido bons resultados, o trabalho do professor pode ter significativos rendimentos. Para tanto, é necessário que o professor reflita sobre seu próprio modo de ensinar e sobre sua própria prática enquanto leitor. Desta forma, ele estará contribuindo para formar cidadãos conscientes de sua prática e formar leitores críticos que ampliem seus horizontes emocionais, intelectuais, culturais e sociais por meio da leitura literária.

Portanto, com base nas propostas de teóricos e na experiência vivenciada no projeto de extensão, esperamos que o ensino de literatura passe a envolver mais os alunos com os textos literários, incentivando-os a ler de forma prazerosa, ampliando seus aprendizados e reflexões sobre as relações que se estabelecem nesses ambientes e percebendo as transformações que este ensino pode trazer para a vida social e pessoal de cada aluno.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, Patrícia Raquel Lobato Durans. **Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”**: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República. Dissertação Mestrado/UFMA (2013), disponível em: <<http://www.ppghis.ufma.br/documentos/Dissertacao%20Patricia.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DURANS, Patrícia Raquel Lobato. **A Literatura Maranhense na Historiografia Local**: representações e contradições. Revista *Littera online* nº 5 (2012). Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/1270>>. Acesso em: 13 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Os Novos Atenienses e o Imaginário da Decadência**. Monografia/UFMA (2009), disponível em: <[http://www.geia.org.br/pdf/Monografia\\_Patr%C3%ADcia\\_Normalizada.pdf](http://www.geia.org.br/pdf/Monografia_Patr%C3%ADcia_Normalizada.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GONÇALVES, Marcia de Almeida; FARIA, Andréa Camila de. **Entre projetos literários e políticos**: A literatura de Gonçalves Dias e a Identidade brasileira. III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista (04 a 07/06 de 2013 - UEMA), disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/oitocentista/cd/ARQ/38.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

GULLAR, Ferreira.; *et al.* **Manifesto neoconcreto**. Portal literal (1959), disponível em: <<http://www.literal.com.br/ferreira-gullar/por-ele-mesmo/ensaios/manifesto-neoconcreto/>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. São Luís: SIOGE, 1977.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A escrava**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

SILVA, Renato Kerly. **Literatura, gênero e escritoras em São Luís, Maranhão**. Seminário internacional: Fazendo Gênero 8. Florianópolis (2008), disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST66/Renato\\_Kerly\\_Marques\\_Silva\\_66.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST66/Renato_Kerly_Marques_Silva_66.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2014.